

la Educación, recoge dos trabajos que reflexionan sobre las características de la producción de conocimiento en este campo, atendiendo a su configuración histórica, su situación actual y su proyección futura.

El segundo apartado, *Historia de las ideas y de las prácticas pedagógicas*, reúne tres artículos que recuperan la producción de pensadores de la educación moderna -Benigar, Pizarro y Sarmiento- ofreciendo una reconstrucción del contexto en que estas ideas fueron concebidas y debatidas, adoptadas, transformadas o rechazadas.

Orígenes del sistema educativo argentino es el último apartado y está integrado por dos trabajos que tienen como eje el estudio de la configuración de este dispositivo masivo de construcción de la nación y de la ciudadanía argentinas que fue la escuela pública entre fines del siglo XIX y comienzos del siglo XX. El primero de los artículos aborda este proceso desde una mirada nacional, mientras que el otro reconstruye el fenómeno a partir de datos de escolarización propios de este período en el ámbito de la provincia de Buenos Aires.

Este número cuenta, asimismo, con un dossier especial titulado *La formación docente en perspectiva histórica* el cual reúne artículos que profundizan esta temática en distintos momentos históricos (desde la configuración de los sistemas de educación nacionales hasta la actualidad) y en diversas latitudes (España y Argentina).

Finalmente contamos, como en ediciones anteriores, con reseñas bibliográficas de obras de reciente aparición en el campo de la Historia de la Educación, y con reseñas de encuentros de especialistas.

Dra. Silvina Gvirtz y Dr. Pablo Pineau

Historiografia da educação, seus balanços e saberes A ultrapassagem como problema¹

José Gonçalves Gondra¹

Resumo

Neste texto, examino a tradição constituída em torno da realização dos balanços da produção intelectual, procurando observar e problematizar este tipo de iniciativa que tem ocorrido com regularidade ao longo da última década no campo da história da educação. Procuo, igualmente, indicar problemas neste tipo de exercício, demonstrando que eles são presididos por interesses e procedimentos específicos, o que ajuda a pensar a própria verdade que procuram exibir.

Abstract

In this text, I examine the tradition consisting around the accomplishment of the balances of the intellectual production, looking for to observe and to question this type of initiative that has occurred with regularity throughout the last decade in the field of the history of the education. I look for, equally, to indicate problems in this type of exercise, demonstrating that they are presided over by interests and specific procedures, what helps to think the proper truth that they look to show.

¹ Professor adjunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Procientista na Universidade do Estado do Rio de Janeiro/FAPERJ e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como o homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. (...) E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxadada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. (BENJAMIN, 1987)

De início quero chamar atenção para dois aspectos do título escolhido para designar esta mesa: “Historiografia da educação: para além dos balanços”. Trata-se de um elemento contido no mesmo e de uma ausência, nesta ordem.

O primeiro se refere ao termo “além”. Como sabemos, trata-se de um advérbio de lugar que ao mesmo tempo em que assinala uma posição, também sugere um deslocamento, uma algo a vir depois, mais adiante, fora, um outro mundo, o desconhecido. Neste sentido, como tornar pensável o “além” dos balanços, este que ainda está por vir? Como proceder esta reflexão em um território que não reivindica para si a unidade como estatuto e princípio? Uma possibilidade de explorar esta dupla indagação consiste em reconhecer os balanços já produzidos, criando condições para diagnosticar o ponto e o estado em que nos encontramos neste tipo de esforço para, então, debater a *necessidade* de ultrapassagem, as *possibilidades* para efetivar este gesto de deslocamento, pensando igualmente as *direções* que o mesmo pode vir a assumir. Trata-se, portanto, parafraseando Walter Benjamin, de agir como o homem que escava, voltando aos fatos, espalhando-os como se espalha a terra, revolvendo-os como se revolve o solo. Escavação que deve seguir planos, sendo igualmente indispensável “a enxadada cautelosa e tateante na terra escura”. Trabalhar neste registro, isto é, pensar a *necessidade*, *possibilidade*, *condição* e *direção* da ultrapassagem exige escavar o solo geral dos balanços, a partir de planos previamente pensados, mas também de enxadadas tateantes. Neste sentido, uma indagação precede o desafio da esca-

vação que pretendi desenvolver: Como descrever a prática dos balanços?

Termos como “estado da arte, inventário, censo, cartografia, diretório, repertório, mapa e panorama” configuram um vocabulário que vem sendo empregado para descrever a ação promovida pelos diversos campos disciplinares para “exumar os seus procedimentos efetivos”, como diria Certeau (1982). Este *desenterrar* dos procedimentos efetivos de uma disciplina consiste, para este autor, no único meio de torná-los precisos, na medida em que põe em cena os produtos, mas também as contingências que os têm produzido. Visibilidade que problematiza a ilusão daqueles que, no gesto de escavar ou tirar da sepultura, promovem apenas o “inventário dos achados”, não sabendo assinalar no terreno de *hoje* o lugar no qual é conservado o *velho*, como diria Benjamin (1987, p. 239). Com isto, cabe reconhecer “o balanço” como prática canônica do campo científico, desenvolvida em vários domínios da ciência e também no campo da história da educação, no Brasil e no exterior. Como deixa sugerido o título desta mesa, este ir “mais adiante” supõe trabalhar com o esforço de reconhecer o *velho*, o já existente, as tradições neste tipo de reflexão como condição para discutir a *necessidade*, *possibilidade*, *condição* e *direção* da ultrapassagem.

Pensar uma história dos “balanços” produzidos em um campo bem determinado, como o da história da educação, consiste em ação a ser feita com base no manejo das matérias que compõem o solo deste campo, suas camadas, partículas e produtos. Matérias, cujo contato nos leva a interrogar o *velho*, o já feito, já escrito, como estratégia para fazer expandir, dilatar e estender a compreensão que temos do *hoje* e de nossa breve experiência humana. Portanto, é sobre os restos, este *humus* depositado materialmente na escrita que incidem os balanços produzidos (e a produzir). Como vem sendo afirmado pelos que têm se dedicado a este tipo de prática, o *humus* com os quais temos trabalhado é heterogêneo. Algumas evidências de suas diferenças são perceptíveis, por exemplo, no tipo de questionário que tem orientado os balanços: uma região, um período, um tipo de documento, uma modalidade de instituição ou mesmo da perspectiva que preside a constituição das matérias postas em exame. No entanto, esta observação correria o risco de ser vista apenas como mais um “inventário dos achados”, carregando consigo, ainda que alguma luz, os limites do jogo do reconhecimento e da pura e simples enumeração, como já assinalado. O exercício desenvolvido nestes ter-

mos parece ser insuficiente para se pensar a polimorfia dos balanços. Trabalho com a hipótese de que a reflexão acerca da diversidade de formas dos “balanços” se torna ampliada quando temos o cuidado de observar a variedade dos critérios empregados na composição das séries documentais e períodos, tanto quanto na institucionalização desta arte, das lentes e ferramentas adotadas pelos produtores deste tipo específico de produto.

Admitir a multiplicação das formas dos balanços supõe considerar uma outra característica deste tipo de prática: a escala. Para tanto, parto da hipótese de que *todos fazemos balanços*; que todo e qualquer levantamento das coisas ditas a respeito de um determinado objeto pode ser considerado um “balanço”. Este se faz de modo mais ou menos extenso em virtude do seu estatuto, função e/ou exigência que pretende atender. Nesta linha de raciocínio, tornar-se-ia possível identificar um gradiente dos balanços, como os trabalhos produzidos em disciplinas, artigos em congressos e revistas, monografias, dissertações, teses, livros, até os textos autodesignados como balançosⁱⁱⁱ. Assim, me parece que o exame de cada produto também deve vir combinado com o estudo de sua destinação, como condição para se analisar sua orientação, finalidade e posição do mesmo na escala em que ele necessariamente se encontra inscrito.

Passo a tratar, neste momento, do segundo aspecto do título, isto é, da ausência a que me referi inicialmente. No título desta mesa, uma restrição merece ser observada, na medida em que não remete à análise da historiografia da educação *no Brasil*. O fato de não recortar *no Brasil*, compreensível, de antemão, por se tratar de um congresso brasileiro, também sugere que o ato de escavar o próprio campo disciplinar borra as fronteiras imaginadas de um país, já que tal procedimento não se constitui em exclusividade de um lugar. Ao contrário, não cingir o exame desta prática ao Brasil supõe considerar um desafio extra, posto que o registro de uma produção acadêmica certamente viola as fronteiras arbitrárias da geografia política, o que nos impele a tomar como problema o jogo jogado nas relações complexas instauradas com outros pólos de produção do saber em história da educação. De algum modo, esforços no sentido de se mapear e debater a produção de história da educação já vêm se processando no que diz respeito à Europa^{iv} e Américas^v, remetendo simultaneamente ao que ignoramos ainda mais, isto é, o que se processa em termos de história da educação nos vastos e desconhecidos mundos do Oriente Médio, África, Oceania e Ásia.

Ao fazer este comentário inicial, procuro deixar indicadas algumas dificuldades deste tipo de exercício e, portanto, os limites do que pode ser dito no ponto em que o campo se encontra e no ponto em que me encontro em relação a esta espécie de reflexão. Deste modo, trata-se de pensar a escrita da História da Educação, desafiando as fronteiras do já sabido para forjar o que ainda não foi pensado, não foi expresso ou que merece ser mais bem discutido e, também, o que ainda precisa ser mantido no horizonte de nossas reflexões. Pela negativa, supõe considerar aquilo que já poderia ser abandonado neste tipo de fazer.

Tendo em nosso campo de visão o diagnóstico da proliferação e da diferença dos balanços produzidos em história da educação, vou tomar alguns exemplos, de modo sumário, como forma de oferecer sustentação a este atestado. Não vou trabalhar com os balanços de eventos, na medida em que incidem sobre uma matéria que vem sendo objeto de discussão no âmbito dos próprios eventos^{vi}, zelo admirável dos que têm assumido a enorme responsabilidade de, ao organizar um determinado evento, criar condições para se produzir uma reflexão regular e sistemática sobre os mesmos. Também não estou trabalhando com dossiês temáticos publicados em algumas revistas da área^{vii}. Do mesmo modo, me esquivo de comentar os trabalhos que tomaram a produção de teses, dissertações e livros voltados para o ensino de história da educação^{viii}. Tomarei, com algum arbítrio, exemplos de trabalhos produzidos recentemente, nos últimos 10 anos, ciente de antemão, não estar recobrimdo o conjunto do muito que foi feito nesta última década. Nesta experiência de reflexão, tomo trabalhos de colegas, todos ativos e de produção respeitável, correndo o risco de enquadrá-los em um domínio que, talvez, não tenha sido o objetivo inicial de seus autores e/ou organizadores. Para tornar menos arbitrário o pequeno conjunto aqui constituído, realizei quatro recortes adicionais, trabalhando com *livros coletivos* a que tive acesso^{ix}, com os quais tenho alguma familiaridade e que tratam de objetos específicos: sujeitos, instituições, períodos e regiões.

Trata-se, neste exercício, de colocar lado a lado trabalhos que recobrem estes aspectos, como mecanismo para tornar visível a extensão e diferença dos levantamentos recentemente disponibilizados à comunidade acadêmica. Longe, muito longe de esgotar os levantamentos relativos aos sujeitos, instituições, períodos e regiões, a experiência de pensar os balanços aqui de-

senhvida assume este arbítrio como limite que, por sua vez, dá alguma medida do alcance da presente reflexão. Outro limite a ser considerado é a própria tipologia derivada dos recortes adotados, que não deixa muita abertura para se flagrar as relações entre sujeitos, instituições, períodos e regiões que, certamente existem. Portanto, o próprio enquadramento deve ser tomado como um problema a ser enfrentado. Isto posto, passo às considerações relativas ao conjunto dos livros nos quais reconheço haver algum tipo de balanço.

a) Sujeitos

Aqui tomo dois exemplos para demonstrar a tese de que, embora debruçados sobre o exame da produção intelectual de determinados sujeitos, os livros considerados apresentam soluções bem precisas. No caso do *Dicionário dos educadores no Brasil – da colônia aos dias atuais*, organizado por Maria de Lourdes Fávero e Jader Medeiros de Britto, observa-se o emprego de uma perspectiva extensiva que, na forma de verbetes, procura dar a ver as contribuições de um vasto número de homens e mulheres para o desenvolvimento da educação no Brasil*. Trata-se de obra coletiva, cuja elaboração esteve associada ao Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade, da UFRJ, tendo contado com o apoio da FAPERJ. Do ponto de vista do método, os verbetes tratam de educadores falecidos, procurando abordar um conjunto de três preocupações gerais: história pessoal, vida profissional e contribuições do educador ao desenvolvimento da educação no país. Cabe assinalar, como registram os próprios organizadores, que a escrita contou com o auxílio de muitos colaboradores, implicando o reconhecimento de diferentes perspectivas analíticas e diversidade de estilos na elaboração dos verbetes.

Com preocupação assemelhada no que se refere à história pessoal, vida profissional e contribuições de determinados sujeitos, FARIA FILHO (2005) organizou *Pensadores sociais e História da Educação*. Neste livro são as teorias sociais associadas a 15 protagonistas que ganham o centro da cena^{xí}, interrogadas a partir das relações estabelecidas entre tais teorias e os domínios da história da educação. O propósito do organizador foi, segundo ele, o de “apresentar ao leitor a forma como os clássicos das ciências humanas e sociais têm sido mobilizados/apropriados pelos pesquisadores da

história da educação brasileira em seus respectivos campos de estudos” (2005, p. 7), o que resultou em um “panorama das interlocuções e apropriações a que os clássicos estão sujeitos entre nós”, evidenciando igualmente os procedimentos específicos adotados por cada autor em relação à tradição intelectual por ele abordada.

Nos dois casos, a semelhança reside nos critérios de seleção, método e de redação, assumindo-se igualmente, em ambos, o caráter lacunar e o tratamento diferenciado a que cada “sujeito” foi submetido, tendo em vista as ferramentas analíticas e estilo daqueles sobre o qual se escreveu e também os do redator de cada artigo. Então, em que aspectos estes livros diferem? Ao lado da diferença evidenciada no tipo de sujeito das séries compostas em cada um, a extensão do texto e o tratamento dispensado aos sujeitos analisados podem ser considerados marcas distintivas desses dois importantes trabalhos voltados para o mapeamento da ação de um expressivo grupo de sujeitos no campo da educação e da história da educação.

b) Instituições

Para comentar as formas distintas de balanços sobre instituições, tomo aqui mais dois exemplos. A primeira referência parte do suposto de que, efetivamente, determinadas revistas funcionam como instituições no campo pedagógico. Neste sentido, o livro organizado por CATANI & BASTOS (1997) também se constitui em bom exemplo de um trabalho que oferece um quadro geral deste tipo de prática, procurando, no caso, dar visibilidade a esforços de reflexão desenvolvidos em torno da imprensa pedagógica. Esta coletânea consiste, de modo geral, em um levantamento dos trabalhos produzidos até então no Brasil, França e Portugal como condição de, aí também, proporcionar uma visão ampla da produção focada neste tipo de fonte. A publicidade proporcionada pelos nove trabalhos que integram esta coletânea deve, de acordo com as organizadoras, “constituir estímulos à continuidade e ao aprofundamento das investigações que tome em conta como **fonte** ou como **objeto** as revistas de ensinoⁱⁱⁱ.” (1997, p. 10)

Recentemente, VIDAL (2006) organizou um livro que reúne um expressivo conjunto de estudosⁱⁱⁱⁱ voltados para o exame de um tipo específico de modelo escolar: os grupos escolares. Como se pode perceber, o raio deste trabalho atinge uma *forma* da escola, colocando lado a lado estudos

regionais focados nos grupos escolares, como estratégia para retirar estes trabalhos de seu isolamento, facilitando a percepção de zonas homólogas e desviantes na formulação, implantação e funcionamento deste modelo escolar, possíveis de serem evidenciadas por meio deste levantamento de caráter nacional. Semelhança e desvio que também podem ser observados no modo como cada autor enfrentou o desafio da pesquisa (e da escrita) sobre este tipo de instituição. Como efeito, ao oferecer ao leitor a possibilidade de contrastar a *forma* do grupo escolar posta em prática em diferentes regiões (estados ou cidades, conforme o artigo), o livro funciona como convite para se pensar teoricamente as possibilidades dos estudos comparados no interior dos estados nacionais. Ao proporcionar o acesso a uma história geral grupos escolares este livro contribui para tornar perceptível as diferenças no modo como uma *forma* da escola aparece, se fixa e se transforma. Convida, assim, para a produção de novas indagações acerca da *forma* escolar de educação e das pesquisas focadas neste objeto.

Como se pode perceber no caso dos trabalhos voltados para o estudo dos sujeitos e das instituições, a ação interessada de reunir o disperso implica na produção de um outro tipo de saber sobre estes temas, cuja publicidade permite discutir a direção assumida pelos estudos, os rumos das mesmas e também o delineamento de uma plataforma de investigação para cobrir o não coberto e de alavancar novas questões com base nas reflexões contidas nestas coletâneas.

c) Períodos

Um outro tipo de experiência de pensar, possível de ser articulada à lógica dos balanços, são os estudos que procuram recobrir *períodos* da história da educação brasileira. Vou também fazer uma breve referência a dois deles. O primeiro foi produzido na esfera das atividades referidas ao chamado “descobrimento”, com apoio da prefeitura de Belo Horizonte, contando com prefácio do próprio prefeito^{xxv}. Intitulado *500 anos da educação no Brasil*, este livro vem presidido por uma lógica temática, rebatida no interior da cronologia da colônia, império e república. Como assinalam os organizadores^{xxvi}, os artigos do livro, “cada um com um tema e uma história, são retalhos de uma mesma peça que é essa educação que nos pertence e à qual pertencemos”. (2000, p. 17) Como toda síntese histórica, continuam os organizadores, a proposta também

apresenta lacunas, não obstante a diversidade e pluralidade. Para eles, tal limitação é o que pode distinguir o livro “daquilo que nem por um momento desejou ser – uma enciclopédia”. (idem, p. 7). Recusando o estatuto de enciclopédia, o livro faz opções por duas dúzias de questões, distribuídas entre problemas consagrados e emergentes no campo da pesquisa histórica.

Um outro trabalho recente que também se ocupa da longa duração dos 500 anos consiste no livro *Educação no Brasil: história, cultura e política*. Resultado de curso de extensão com o mesmo nome^{xxvii}, este livro organiza sua reflexão em torno de categorias gerais associadas às conjunturas da colônia, império e república, sendo sub-recortado por indagações mais precisas. De modo assemelhado ao anterior, como advertido na apresentação deste livro, os textos não possuem a pretensão de dar conta da totalidade das questões de cada época. Neste sentido, “a abrangência temporal e a ordenação cronológica não deve levar à conclusão apressada de que se trata de um manual, produzido para sintetizar a história em um único volume” (ALVES, 2003, p. 5). Conta com 31 textos-aula, acompanhando a estrutura geral do evento do qual foi derivado, sendo organizado em torno de seis princípios gerais de inteligibilidade: *tempos de dominação, tempos de civilização, tempos de progresso, tempos de modernização, tempos de desenvolvimentismo e tempos de repressão*. Ao adotar essas categorias como critério para nuclear as reflexões, o livro produz como efeito uma associação da educação às linhas gerais a que a mesma foi submetida ao longo do tempo. Contudo, nos textos que compõem o livro, procura-se flagrar variações a essas linhas gerais, matizando as próprias orientações gerais que estiveram (e estão) presentes na sociedade e na educação brasileiras.

Nos dois casos, a síntese pretendida projeta um duplo afastamento: de enciclopédia e de manual. Em ambos, chama atenção o caráter de coletânea, reunindo colaboradores de várias instituições e, no segundo caso, a participação de vários colaboradores/autores que atuam em programas de pós-graduação da história, sinal de que debates relativos à educação já encontram algum tipo de acolhimento nos domínios da história.

d) Regiões

Nesta última década, temos observado a realização de encontros regulares de pesquisadores de história da educação em várias regiões, como é o ca-

do Ceará, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, por exemplo. Ao lado destes, também temos notícias de eventos regionais bem conhecidos nos espaços que articulam, mas com pouca visibilidade nacional, isto sem me referir ao papel que vem sendo exercido pelas chamadas “anpedinhas” no sentido de organizar a reflexão em nível mais regional, restando o desafio de saber como a história da educação tem comparecido nessas ações mais microscópicas. Uma das tentativas de tornar perceptível os estudos desenvolvidos nas diferentes regiões do Brasil partiu de iniciativa do Grupo de Trabalho de História da Educação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd), cujos resultados gerais foram publicados em 2005^{vii}. Ao analisar a produção reunida neste livro, cabe indagar: O que tal balanço permitiu ver? Que questões permite formular? O que possibilita problematizar? Nesta parte, retomo um conjunto de elementos que, juntamente com o professor Carlos Eduardo Vieira, registramos na coletânea em que tais balanços foram reunidos e publicados^{viii}.

Uma nota inicial remete ao fato de que o balanço geral foi precedido de um Seminário de Intercâmbio, prática regular desenvolvida no âmbito da ANPEd e que vem sendo realizada por diferentes grupos de trabalho desta associação, em virtude de demandas específicas de cada grupo. No caso do Grupo de Trabalho de História da Educação (GTHE), o penúltimo seminário ocorreu em Belo Horizonte, em 2001, ocasião em que se discutiu os impactos das chamadas novas tecnologias no arquivo, acervo, preservação documental e na produção da pesquisa em história da educação^{xix}. Tais seminários têm se configurado em oportunidade especial para que os pesquisadores possam acumular e desenvolver reflexões acerca de questões que afetam a produção da área, auxiliando na compreensão, organização e funcionamento da mesma, em espaços exteriores ao da reunião anual da ANPEd.

Recentemente, os balanços da produção dos diferentes grupos de trabalho foram estimulados, tendo como horizonte a comemoração dos vinte e cinco anos da ANPEd e alguns dos resultados foram divulgados na Revista Brasileira de Educação (RBE), demonstrando que cada GT, na execução desse desafio, trilhou caminhos particulares^{xx}. No caso do GT de História da Educação, esse esforço foi iniciado em 2000, quando foi encomendado um trabalho relativo à questão dos procedimentos de avaliação praticados na esfera da ANPEd e do GT. Em 2001, um segundo trabalho encomen-

dato se voltou para a análise da produção divulgada no âmbito do próprio GT. Em 2002, veio a lume o primeiro trabalho resultante de um esforço de análise da produção de caráter regional, relativo à região Sul^{xxi}.

Em vista do volume de trabalho demandado pelos balanços da produção em outras regiões e, sobretudo, pela necessidade de uma análise de conjunto dos resultados destas pesquisas o GT realizou o último *Seminário de Intercâmbio* entre 16 e 17 de agosto de 2004, com fins específicos de debater de forma articulada a produção da pesquisa em história da educação nas diferentes regiões do Brasil. Nesse sentido, o evento realizado na UERJ visou atender esses indicativos, proporcionando a continuidade e aprofundamento do esforço iniciado em 2000.

Um trabalho com o alcance do que foi assumido pelos pesquisadores de História da Educação consiste em exercício de reflexão de grande envergadura e supõe desafios e modos de equacionamento heterogêneos. Expressão, por sua vez, das condições de produção dos inventários, da tradição da pesquisa na área e do próprio investimento e particularidades teóricas e metodológicas dos autores. Neste cenário emergem formas de reflexão polimorfos acerca da produção da pesquisa em História da Educação que podem ser compreendidas, simultaneamente, como diagnóstico e como problema. No conjunto dos balanços publicados, a presença de uma gama variada de procedimentos operatórios se faz presente, indicativa das condições de elaboração, dos ritmos da pesquisa de cada região, da base documental constituída, do trabalho efetivamente realizado e também da própria forma que se impôs a cada escrita. Sendo assim, os textos reunidos no livro em questão não compõem uma unidade que permita conclusões generalizantes. Não obstante, os levantamentos desenvolvidos ao permitirem construir uma idéia do quadro nacional dessa especialidade, permitem, de modo assemelhado, reconhecer continuidades e descontinuidades na história intelectual do campo, singularidades próprias das Regiões, Estados ou Programas de Pós-graduação e, também, perceber como os autores conceberam o exercício da pesquisa e da escrita da história que analisaram e que praticaram.

O reconhecimento desta variação lança, no mínimo, duas questões: Como lidar com o que estamos fazendo em pesquisa histórica? Quais são as possibilidades de construirmos plataformas de estudos historiográficos pa-

ra dar seqüência ao que pode ser percebido nesta coletânea? Na tentativa de tornar pensável algumas das questões que emergem desses trabalhos, gostaria de retomar, com alterações, nove pontos que se encontram assinalados na apresentação desta coletânea.

O ponto de partida — via de regra, os trabalhos consideraram a produção desenvolvida na esfera dos programas de pós-graduação. Esta decisão institui um questionário que sugere inquirir as formas de acesso aos produtos desses programas. Como se chegou a esta produção? Foi possível leitura integral? Acessou-se os resumos, capítulos, títulos, sumários, bibliografia? Trabalhou-se com a difusão desses produtos: congressos, seminários, revistas ou formas mistas? Com isso, nunca é demais lembrar que a própria constituição da base empírica e de suas formas de manejo delineiam as contribuições a que se pode chegar.

As concepções de história — sabemos que o campo da história partilha de princípios operatórios distintos, com alcances e perspectivas variadas, sendo necessário tematizar como estas marcas comparecem nos trabalhos de História da Educação. O que o campo tem privilegiado? Quais os efeitos dos privilégios observados? É possível perceber concentração de referentes? O que isto possibilita compreender? No entanto, tão importante quanto inventariar os autores que têm legitimado o saber histórico produzido é se voltar para as formas de circulação, as instâncias de credenciamento (instituições, editoras, tradutores, eventos), regimes de apropriação e cálculo do impacto das teorias sociais no campo da História da Educação. Trata-se de reconhecer incidências, mas também os usos dos autores aos quais temos conferido autoridade para o desenvolvimento de reflexões em torno de determinadas categorias, períodos e objetos com que temos trabalhado.

Os mapas quantitativos — a necessidade de mensurar nos parece ser inquestionável, posto que é condição para compreendermos *onde e o que* vem sendo feito em termos da pesquisa em História da Educação, mas também porque alavanca novas interrogações, algumas voltadas para as próprias séries elaboradas. Como lidam com a periodização dos trabalhos analisados? Como classificam os objetos investigados? Como avaliam as fontes empregadas? Que discussões promovem em relação às matrizes teóricas adotadas nos trabalhos examinados? Qual o papel atribuído à ancoragem institucional das pesquisas analisadas?

As temáticas privilegiadas — os mapas quantitativos assinalam as fontes privilegiadas, periodizações consagradas, teorias sociais e, sobretudo, temáticas recorrentes no campo da história da educação, entre as quais podemos destacar a história das idéias, das instituições, da organização do sistema e das políticas públicas para educação e, mais recentemente, a ênfase sobre o terreno do que se denomina “práticas escolares”. A questão que se impõe é: em que medida essas temáticas, incluídas em tipologias abrangentes (idéias, instituições, sistema, políticas e práticas), velam concepções e modos particulares e até mesmo divergentes de reflexão sobre idéias, instituições, práticas e políticas educacionais?

As instâncias de organização da pesquisa histórica — o acento posto no exame dos produtos dos programas de pós-graduação, possibilita indagar a função que outras instâncias de organização da pesquisa em História da Educação têm desempenhado na definição da agenda de trabalho do campo. Neste sentido, caberia pensar os pontos de entrelaçamento entre o que ocorre na rotina dos programas com o que se pratica nas esferas regional, nacional e internacional da pesquisa em História da Educação. Fazer isto implica deslocar a lente e compreender as instâncias exteriores aos programas como lugares de visibilidade da produção da área de história da educação, mas também como lugares em que determinadas questões de pesquisa são forjadas, orientando o funcionamento o tipo de pesquisa dos programas. Nesse sentido, cabe observar os debates processados no âmbito do próprio GTHE, da SBHE, dos grupos de pesquisa, dos congressos e encontros de História da Educação que têm florescido em vários Estados do Brasil, além das relações internacionais configuradas na forma de congressos, doutorados, pós-doutorados, professores visitantes e/ou no agenciamento de projetos bilaterais. A hipótese é que a compreensão densa dos produtos dos programas deveria considerar a capilaridade do campo e as relações que organizam a malha da pesquisa histórica e de história da educação, bem como a configuração das duas.

A questão da geração — um aspecto que ganhou certo espaço nos debates do Seminário de Intercâmbio foi a perspectiva de se estabelecer um quadro geracional dos historiadores da educação no Brasil e o esforço em inserir a produção (e seus produtores) nas séries geracionais identificadas em uma espécie de cronologia. Neste caso, a própria idéia de geração intelectual

aparece menos como solução para organizar o debate, pois, talvez, ela possa ser trabalhada com base em uma cronologia, mas sem fixá-la, afastando-se de uma temporalidade linear e sucessiva. Neste registro seria possível localizar trabalhos realizados hoje, *contemporâneos* aos dos anos sessenta do século passado, por exemplo. Assim, geração intelectual pode ser compreendida menos no registro de uma temporalidade sucessiva e progressiva, mas como comunhão de princípios teóricos e metodológicos, o que pode tornar o debate em torno da categoria geração ainda mais provocativo.

A produção exterior aos programas — Os mapas da produção da pesquisa em história da educação feitos no interior das margens dos programas de pós-graduação, tendem a eliminar uma produção rarefeita que se faz no exterior das mesmas. Nesta linha, caberia observar em periódicos e eventos da área, a presença de uma escrita articulada seja à graduação, especialização e/ou de autores vinculados a grupos, arquivos, bibliotecas e centros de pesquisa e documentação. Essa produção rarefeita precisa ser observada, seja porque pode atestar a força das relações destas instâncias com a pós-graduação, seja porque pode indicar o aparecimento e desenvolvimento de uma sensibilidade para a questão da pesquisa histórica se processando em outras esferas do tecido social.

O crescimento e a distribuição da pesquisa — a análise da produção de história da educação a partir das diferentes regiões evidenciou, no mínimo, dois aspectos importantes: uma maneira de organização/divisão do trabalho e, sobremaneira, a ampliação dos lugares de produção da pesquisa em História da Educação no país. Os diagnósticos relativos à década de setenta e os primeiros anos da década de oitenta que apontavam a pequena participação da História da Educação no âmbito da pesquisa em Educação, assim como a concentração desta especialidade na Região Sudeste foram alterados significativamente nos anos noventa e dois mil.^{xviii} Não existem dados recentes sobre o espaço ocupado pela História da Educação na área acadêmico-educacional, porém é perceptível a ampliação da participação dos historiadores da educação a partir da análise da regularidade e da qualidade dos seus congressos, do surgimento de associações científicas específicas, do volume das demandas desta comunidade para as agências de fomento, da intensidade das publicações sobre o tema nos periódicos e nas editoras tradicionais da área educacional, além da presença e da consolidação de lin-

has de pesquisa de História da Educação em grande parte dos Programas de Pós-graduação em Educação no país. Os resultados publicados na coletânea em questão atestam o crescimento da especialidade nas outras regiões do país. A análise dos dados presentes nos diferentes textos reconhece que a Região Sudeste permanece como pólo importante de pesquisa, indicando, igualmente, que a área já se faz representar nacionalmente, o que, no Brasil, se constitui em indicador extremamente relevante. Com isto, não se está afirmando que o fenômeno da concentração da produção científica tenha se esgotado, porém já é possível pensá-lo em novos termos, quando observamos, por exemplo, o que vem se fazendo em determinados Estados ou Programas de Pós-Graduação que se especializam nesse campo de pesquisa. Um dos efeitos desta nova topografia da pesquisa em história da educação é o surgimento de nuances locais sobre temas consagrados da história da educação: a escola nova, a educação católica, os projetos educacionais republicanos, entre outros temas tradicionais. Estes, por exemplo, vêm assumindo novos sentidos no contraste com fontes, agentes e contextos antes desconsiderados por uma historiografia da educação colonizada pelos marcos extraídos de determinadas tradições da filosofia e/ou da sociologia.

Nas margens da disciplina — Tão importante quanto observar o que vem se fazendo no âmbito dos programas de pós-graduação em educação é observar que a reflexão acerca da história da educação também tem aparecido de forma regular nos programas de pós-graduação em história. Ao mesmo tempo, é possível detectar uma produção menos concentrada em programas de arquitetura, antropologia, medicina, filosofia, ciências sociais e psicologia, por exemplo. Observar esta produção dispersa, esta espécie de desvio, certamente devolve para os pesquisadores da “área” a responsabilidade de se perguntar sobre as fronteiras desse saber, seus procedimentos e efeitos, isto é, sobre os limites e alcances da própria “disciplina”.

Por fim, vale reforçar que o panorama contido nesta coletânea representa a continuidade de um processo de reflexão sobre o estado da arte da Historiografia da Educação Brasileira que vem sendo realizado no interior da área há, pelo menos, duas décadas, o que tem auxiliado na definição de marcos interpretativos a respeito das temáticas, periodizações, fontes, teorias sociais e metodologias privilegiadas em diferentes momentos da história intelectual do campo. Nesse sentido, o levantamento da produção de

História da Educação em escala nacional, nos termos em que foi feito, produz no mínimo dois efeitos complementares: contribui para a formação da memória/identidade do campo e realiza uma crítica do conhecimento, a partir da análise dos métodos, objetivos, lugares e condições de produção da historiografia da educação brasileira.

Para finalizar este exercício de escavação, tenho a impressão de ter dado a ver camadas do solo dos balanços. Camadas que permitem afirmar que os esforços já desenvolvidos são efetivamente plurais, seja pelo objeto abordado no levantamento, pela perspectiva utilizada, institucionalidade do mesmo, seja por suas finalidades. Os poucos exemplos percorridos no que se refere aos sujeitos, períodos, instituições e regiões, ao reforçar este diagnóstico, recolocam a questão insinuada no título: É possível ir *além* dos balanços? Em caso afirmativo, como proceder esta ultrapassagem? Explorar esta dupla interrogação consiste no exercício que procurei desenvolver. No entanto, a reflexão aqui esboçada conduz a um outro questionário ao qual este texto também deve ser submetido.

O que conduz um balanço? Que saberes fabrica? Que poderes instaura? Como estamos lidando com este tipo de procedimento? Que efeitos produz? Submeter os balanços a este tipo de problematização sugere que o enfrentamento destas questões pode vir a criar condições para a ultrapassagem sugerida no título desta Mesa. Acredito que se não é uma condição suficiente, constitui-se, ao menos, em necessária para que o próprio campo possa se dobrar sobre si mesmo e se mover, tornando perceptíveis outras coisas, necessidades e perigos e não apenas o monótono espelho que, ao exibir um campo fixo e imóvel, devolve, em resposta, sua própria beleza. Reconhecer pontos fortes e fragilidades pode funcionar como um passo para ousar ir além, escapando, talvez, das armadilhas montadas pelos *espelhos* ou *balanços*, como preferirem.

Espelho colocado diante de nós ou *balanço* exige pensar nossa própria experiência, supondo um trabalho de escavação daquilo que está sob nossos pés, de modo a diagnosticar nosso presente para *dizer o que somos hoje* e o que significa, hoje, *dizer o que somos*. Atitude experimental que implica em um trabalho nos limites de nós mesmos, do campo em que atuamos para, simultaneamente, apreender os pontos em que a mudança é *possível e desejável* e para determinar a *forma precisa* a dar a essa mudança, como diria Foucault (2000, p. 348).

Bibliografia

ADÃO, Áurea. *Memória da educação no espaço lusófono*. O contributo dos congressos luso-brasileiros. Lisboa, 2006 (mimeo).

ALVES, Cláudia. Os resumos das comunicações e as possibilidades esboçadas no II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. In: CATANI, Denice, SOUZA, Cynthia Pereira de (orgs.). *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998.

———. Apresentação. In MAGALDI, Ana, ALVES, Cláudia & GONDRA, José. *Educação no Brasil: história, cultura e política*. Bragança Paulista: EDUSE, 2003.

ARAUJO, Marta. Tempo de balanço: a organização do campo educacional e a produção histórico-educacional brasileira e da região nordeste. *Revista Brasileira de História da Educação*, nº 5, jan/jun. 2003.

ASCOLANI, Adrián. La historia de la educación en Argentina – historiografía y construcción de un campo específico (1970-1990). In SANFELICE, José, SAVIANI, Dermeval & LOMBARDI, José (orgs.). *História da Educação – perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas: Autores Associados, 1999.

———. Historia de la historiografía educacional Argentina: autores y problemáticas (1910-1990). In ASCOLANI, Adrián (org.) *La educación en Argentina: Estudios de Historia*. Rosário: Ediciones del Arca, 1999.

BARREIRA, Luís Carlos. *História e historiografia. As escritas recentes da história da educação brasileira* (1971-1988). Doutorado, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1995.

BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. In: *Obras escolhidas I: rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.239.

BONTEMPI JR., Bruno. “A educação brasileira e sua periodização”: vestígio de uma identidade disciplinar. *Revista Brasileira de História da Educação*, nº 5, jan/jun. 2003.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales* (1929-1989): a revolução francesa da historiografia. 3ª edição. São Paulo: UNESP, 1991.

CARVALHO, Laerte Ramos de. “A educação brasileira e sua periodização”. *Revista Brasileira de História da Educação*, nº. 2, jul. dez. 2001, p.137-151.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Rogério Fernandes: cruzando caminhos, instaurando práticas. In FELGUEIRAS, Margarida & MENEZES, Maria Cristina. *Rogério Fernandes – questionar a sociedade, interrogar a história, (re) pensar a educação*. Porto: Afrontamento, 2004.

———. “L’histoire de l’éducation au Brésil: traditions historiographiques et pro-

- cessus de rénovation de la discipline”. *Paedagogica Historica – International Journal of the History of Education*, v. 36, nº 3, 2000, p.909-933.
- _____. “A configuração da historiografia educacional brasileira”. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, Bragança Paulista: EDUSF, 1998, p. 329-353.
- CATANI, Denice & BASTOS, Maria Helena Câmara. *Educação em revista – a imprensa periódica e a história da educação*. SP: Escrituras, 1997.
- CAVALCANTE, Maria Juraci M. (org.). *História e memória da educação no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.
- CAVALCANTE, Maria Juraci M. & BEZERRA, José Arimatea B. (orgs.). *Biografias, instituições, idéias, experiências e políticas educacionais*. Fortaleza: Educação. UFC, 2003.
- CRUZ, Nicolás. La historia de la educación en Chile – su estado actual y desafíos metodológicos. In SANFELICE, José, SAVIANI, Dermeval & LOMBARDI, José (orgs.). *História da Educação – perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas: Autores Associados, 1999.
- DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- COMPÈRE, Marie Madeleine. *L'Histoire de l'éducation en Europe*. Essai comparatif sur la façon dont elle s'écrit. Paris: Peter Lang/INRP, 1995.
- ESCOLANO, Agustín B. La investigación en Historia de la Educación en España: tradiciones e nuevas tendencias. In NÓVOA, António & BERRIO, J. Ruiz (orgs.). *A história da educação em Espanha e Portugal – investigações e actividades*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1993.
- FARIA FILHO, Luciano & RODRIGUES, José. A História da Educação Programada: uma aproximação da história da educação ensinada nos cursos de Pedagogia em Belo Horizonte. *Revista brasileira de história da educação*. Jul/dez, nº 6, 2003.
- FÁVERO, Maria de Lourdes de A. & BRITTO, Jader de M. (org.). *Dicionário dos educadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Brasília: INEP, 2002.
- FOUCAULT. O que são as luzes? in MOTTA, Manoel (org.) *Ditos & Escritos II*. Rio de Janeiro: Forense, 2000
- FREITAS, Marcos Cezar & KUHLMANN JR., Moysés (org.) *Os intelectuais na história da infância*. SP: Cortez, 2002.
- FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. Bragança Paulista: EDUSF/Contexto, 1998
- GOMES, Joaquim Ferreira. A investigação em História da Educação em Portugal. In NÓVOA, António & BERRIO, J. Ruiz (orgs.). *A história da educação em Espanha e Portugal – investigações e actividades*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1993.
- GOMES, Joaquim Ferreira. Situação actual da história da educação em Portugal. In GOMES, Joaquim, FERNANDES, Rogério & GRÁCIO, Rui *História da educação em Portugal*. Lisboa: Livros Horizontes, 1998.
- GONDRA, José (org.) *Pesquisa em história da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- _____. *Morfologia da história da educação no espaço lusófono - O Brasil como ponto de observação*. Rio de Janeiro, 2006 (mimeo).
- JABLONKA, Ivan. Les historiens américaines aux prises avec leur école. L'évolution récente de l'historiographie de l'éducation aux États-Unis (1961-2001). *Histoire de l'éducation*. Paris, n.89, p. 3-58, janvier 2001.
- LOMBARDI, José, SAVIANI, Dermeval & NASCIMENTO, Maria Isabel (orgs.). *A escola pública no Brasil – história e historiografia*. Campinas: Autores associados, 2005.
- LOPES, Eliane Marta. Escrever a amizade. In FELGUEIRAS, Margarida & MENEZES, Maria Cristina. *Rogério Fernandes – questionar a sociedade, interrogar a história, (re) pensar a educação*. Porto: Afrontamento, 2004.
- LOPES, Eliane & FARIA FILHO, Luciano & VEIGA, Cynthia. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autentica, 2000.
- MAGALDI, Ana ALVES, Claudia & GONDRA, José. *Educação no Brasil: história, cultura e política*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- MARROU, H-I. *Do conhecimento histórico*. 3ª edição. Tradução Ruy Bello. São Paulo: EPU, s/d.
- MENDONÇA, Ana Waleska. *Balanço geral dos trabalhos brasileiros no V Luso*. Évora: 2004 (mimeo).
- MURICY, Kátia. O heroísmo do presente. *Tempo Social; Revista de Sociologia*. USP, São Paulo, 7(1-2): 31-44, outubro de 1995.
- NADAI, Elza. A investigação em História da Educação no Brasil: as associações e sociedades de História da Educação. In NÓVOA, António & BERRIO, J. Ruiz (orgs.). *A história da educação em Espanha e Portugal – investigações e actividades*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1993.
- NÓVOA, A. et alli. Educational knowledge and its circulation – historical and comparative approaches of portuguese-speaking countries. *Cadernos Prestige*, nº 5. Lisboa: Educa, 2003.
- NUNES, Clarice. I Congresso Luso-brasileiro de História da Educação – Leitura e escrita em Portugal e no Brasil (1500-1970). In FARIA FILHO, Luciano (org.). *Modos de ler, formas de escrever*. Belo Horizonte: Autentica, 1998.

_____. O ensino da história e a produção de sentidos na sala de aula. *Revista brasileira de história da educação*. Jul/dez, nº 6, 2003.

PERES, Eliane & BASTOS, Maria H. C. Associação Sul-rio-grandense de pesquisadores em História da Educação (ASPHE): a trajetória de uma rede de pesquisadores. *Educação em Revista*, n. 34, dez/2001, p. 121-127.

PRADO, Maria Ligia & VIDAL, Diana (org.). *À margem dos 500 anos – reflexões irreverentes*. São Paulo: EDUSP, 2002.

STEPHANOU, Maria & WERLE, Flavia. *Balanço do IV Congresso Luso-brasileiro de história da educação*. Porto Alegre: UFRGS/UNISINOS (mimeo), 2002.

STEPHANOU, Maria & BASTOS, Maria Helena. *Histórias e memórias da educação no Brasil*. 3vl. Petrópolis, Vozes, 2005. ASEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO-

SAVIANI, Dermeval. O debate teórico e metodológico no campo da história e sua importância para a pesquisa educacional. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José C.; SANFELICE, José L. (Orgs.) *História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual*. Campinas: Autores Associados/HISTEDBR, p. 7-15, 1998.

SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José C. Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR): histórico e situação atual. *Educação em Revista*, nº. 34, dez/2001, p. 135-146.

TANURI, Leonor. "Historiografia da educação brasileira; contribuição para o seu estudo na década anterior à instalação dos cursos de pós-graduação". *História da Educação*, nº. 3, abr. 1998, p. 139-153.

VEIGA, Cynthia G. & PINTASSILGO, Joaquim. Pesquisas em história da educação no Brasil e em Portugal: caminhos da polifonia, In FERREIRA, António G. (org.) *Escolas, culturas e identidades – vl. I*. Coimbra: SPCE, 2004.

VEIGA, Cynthia & FONSECA, Thais (orgs.) *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

VIDAL, Diana & HILSDORF, Maria Lucia (org.). *Brasil 500 anos – Tópicos em História da Educação*. São Paulo: EDUSP, 2001.

VIDAL, Diana & FARIA FILHO, Luciano. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Revista Brasileira de História*. Nº 45, Vol. 27, p. 37-70, 2004.

VIDAL, Diana G.; VICENTINI, Paula P.; SILVA, Katiene N. da; SILVA, José Cláudio S. História da Educação no Brasil: a configuração do campo e da produção atual do Estado de São Paulo (1953-2003). In GONDRA, José (org.) *Pesquisa em história da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

VIDAL, Diana G. (org.) *Grupos escolares – cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

VIEIRA, Carlos Eduardo & GONDRA, José. Mapas da produção em história da educação. In GONDRA, José (org.) *Pesquisa em história da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

WARDE, Mirian Jorge. "Contribuição da História para a Educação". *Em aberto*, ano IX, nº 47, jul. set. 1990, p. 3-11.

_____. "Questões teóricas e de método: a história da educação nos marcos de uma história das disciplinas". In: SAVIANI, Dermeval et al. *História e história da educação*. O debate teórico-metodológico atual. Campinas: Autores Associados, 1998.

WARDE, Mirian e CARVALHO, Marta. "Política e cultura na produção da história da educação no Brasil". *Contemporaneidade e educação*, ano V, nº. 7, 1º. Sem. 2000, p.9-33.

XAVIER, Libânia Nacif. Particularidades de um campo disciplinar em consolidação: balanço do I Congresso Brasileiro de História da Educação. In: Sociedade Brasileira de História da Educação, (org.). *Educação no Brasil: História e historiografia*. Campinas: SBHE & Autores Associados, 2000.

XAVIER, L. & CARVALHO, M. & MENDONÇA, A. & CUNHA, J. (orgs.). *Escolas, culturas e saberes*. RJ: FGV, 2005.

Notas

ⁱ Conferência proferida na mesa-redonda "Historiografia da educação: para além dos balanços", no IV Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado na Universidade Católica de Goiânia, entre 7 e 10 de novembro de 2006. Esta mesa foi composta por mim e pelo professor Dermeval Saviani, tendo como debatedor o professor Adrián Ascolani.

De acordo com VIDAL et ali. (2005) os autores que têm se ocupado dos balanços da produção historiográfica no Brasil vêm destacando a variedade e a profusão de títulos na área e ressaltando a progressiva constituição de uma certa identidade dos investigadores em História da Educação Brasileira, multifacetada e plural, proveniente da criação e consolidação de Programas de Pós-Graduação em Educação, surgidos no final da década de 1960; da constituição de grupos de trabalho, como o próprio GT da ANPêd (1984) e o Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" (HISTEDBR/1986), apenas para citar os mais antigos; da proliferação de instituições de guarda e produção de documentação; da formação de Sociedades Científicas, como a Associação Sul-rio-grandense de História da Educação (ASPHE/1996) e a Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE/1999); da ampliação dos fóruns de socialização das pesquisas, como os Congressos Brasileiros de História da Educação (2000, 2002, 2004 e 2006), os Luso-brasileiros (1996, 1998, 2000, 2002, 2004 e

2006) e os Iberoamericanos (1992, 1994, 1996, 1998, 2001, 2003 e 2005) e os Seminários HISTEDBR (1991, 1992, 1995, 1997, 2001, 2003 e 2006); além da publicação de periódicos dirigidos especificamente à área como a revista História da Educação (ASPHE/1996), a Revista HISTEDBR On-line (2000), a Revista Brasileira de História da Educação (SBHE/2001) e os Cadernos de História da Educação (UFU-Uberlândia/2002).

ⁱⁱ Em 1999, ASCOLANI atestava, para o caso argentino, um desenvolvimento mínimo na elaboração dos balanços historiográficos. Ao lado disto, o que existia se limitava a breves levantamentos sobre temas específicos, com uma evidente finalidade pragmática, como a de introduzir uma determinada temática.

ⁱⁱⁱ Cf. COMPÈRE (1995)

^{iv} Cf. ASCOLANI (1999), CRUZ (1999), FREITAS (1998), JABLONKA (2001) e VEIGA & FONSECA (2003).

^v Sobre os Congressos Luso-brasileiros de História da educação, cf. ADÃO, 2006 e GONDRA, 2006.

^{vi} Não trato, por exemplo, dos dois volumes da *Revista Brasileira de Educação*, da ANPEd, dedicados aos 500 anos. Também não trabalhei com os dossiês de outras revistas, especialmente os da *Revista Brasileira de História da Educação*, da Sociedade Brasileira de História da Educação.

^{vii} A respeito das dissertações e teses, cf. WARDE, 1990 e 1998. Cf. também BARREIRA, 1995. No que se refere ao ensino de história da educação, cf. NUNES (2003) e FARIA FILHO & RODRIGUES, 2003.

^{viii} Em alguns casos dos exemplos referidos, eu participo como colaborador e, no caso do livro organizado por Magaldi, Alves e Gondra (2003), sou um dos organizadores.

^{ix} Na primeira edição, de 1998, o universo dos educadores totalizou 74. Na segunda, de 2000, constam 144 verbetes no total.

^x O organizador assinala a ausência de Max Weber, Philippe Áries e Pierre Bourdieu.

^{xi} Grifos das autoras.

^{xii} O livro contém 15 artigos, sendo o primeiro de caráter mais geral e, o segundo, dedicado ao exame de uma experiência portuguesa. Os demais focalizam experiências locais/estaduais do Piauí, Paraíba, Maranhão, Sergipe, Bahia, Rio Grande do Norte, Mato Grosso, Minas Gerais (com dois artigos), Distrito Federal (Rio de Janeiro), Paraná (dois artigos) e Santa Catarina.

^{xiii} À época, Célio de Castro era o prefeito de Belo Horizonte.

^{xiv} Trata-se de Eliane Marta Teixeira Lopes, Cynthia Greive Veiga e Luciano Mendes de Faria Filho, todos professores da área de história da educação da UFMG.

^{xv} Realizado por meio de esforço conjunto da UERJ, UFF e do Sindicato dos Profissionais da Educação do Estado do Rio de Janeiro.

^{xvi} Trata-se do livro *Pesquisa em história da educação no Brasil*.

^{xvii} Cf. VIEIRA & GONDRA (2005).

^{xviii} Os resultados deste seminário podem ser conferidos no livro organizado por Luciano Mendes de Faria Filho, intitulado *Arquivos, fontes e novas tecnologias – questões para a história da educação*, publicado pela editora Autores Associados em parceria com a EDUSEF em 2000.

^{xix} No nº 19 da RBE foi publicado o “balanço” do GT de História da Educação “Um lugar

de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPEd (1985-2000”, de Denice Bárbara Catani e Luciano Mendes de Faria Filho. O nº 21 publica os “balanços” do GT Política do Ensino Superior “Política do Ensino Superior da ANPEd: origem, desenvolvimento e produção”, de Maria de Lourdes Albuquerque Fávero e o do GT Alfabetização, leitura, escrita “Alfabetização, leitura, escrita: 25 anos da ANPEd e 100 anos de Drummond”, de Cecília Goulart e Sonia Kramer. No nº 22 foi a vez do GT Sociologia da Educação, com o trabalho intitulado “Amor e desprezo: o velho caso entre sociologia e educação no âmbito do GT 14”, de Marcio da Costa e Graziella Moraes Dias da Silva. No nº 24 encontra-se publicado o trabalho “O percurso teórico e empírico do GT trabalho e Educação: uma análise para debate”, resultado do “balanço” do GT Educação e Trabalho da ANPEd, de Eunice Trein e Maria Ciavatta.

^{xx} Os três trabalhos encontram-se incorporados em GONDRA (2005).

^{xxi} Sobre esse tema, ver, entre outros, Luis Carlos Barreira, *História e historiografia: as escritas recentes da história da educação brasileira (1971-1988)*. Campinas, 1995. Tese (Doutorado em História da Educação) – UNICAMP.